Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

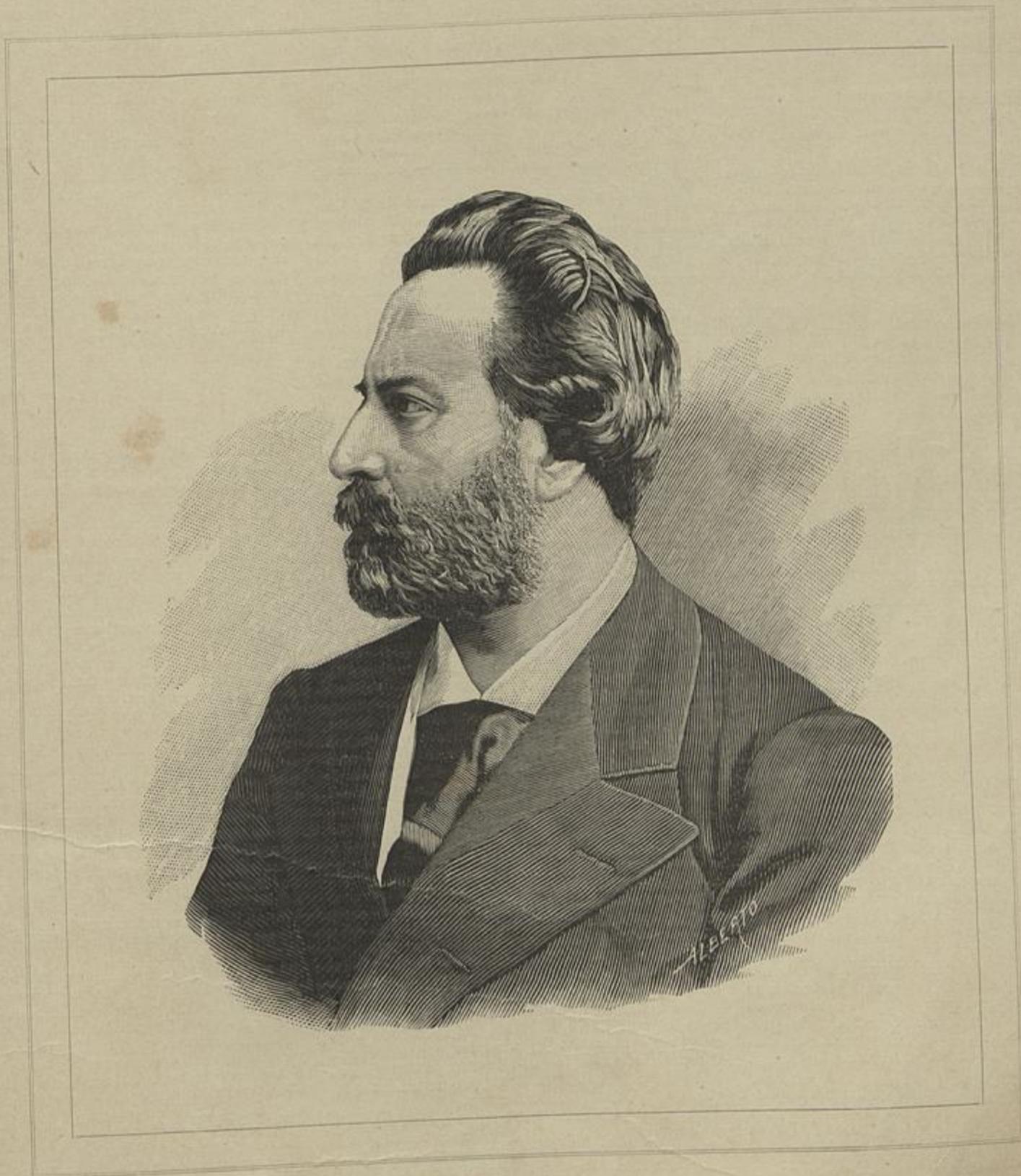
| Preços da assignatura | Anno — 36 n.os | Semest. — 18 n.os | Trim. — 9 n.os | N.º á entrega |
|---|---|---|---|---|
| Portugal (franco de porte, moeda forte) | 3$800 | 1$900 | $950 | $120 |
| Possessões ultramarinas (idem) ....... | 4$000 | 2$000 | -$- | -$- |
| Extrangeiro (união geral dos correios). | 5$000 | 2$500 | -$- | -$- |

10.º ANNO — VOLUME X — N.º 297

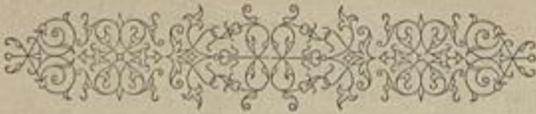
21 DE MARÇO 1887

REDACÇAO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇAO

Lisboa. L. do Poço Novo, entrada pela travessa do convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.


Conde de Valenças — Dr. Luiz Leite Pereira Jardim

(Gravura de C. Alberto, segundo uma photographia de Camacho)

# CHRONICA OCCIDENTAL

Lisboa inteira tem passado estes oito dias d'ouvido á escuta.

Aquelle homem celebre da anedocta conhecidissima, que no meio de qualquer conversação, perguntava, «Não ouviram um tiro?» para, accrescentando logo: «A proposito de tiros...» impingir uma historia de caça, se fizesse agora a sua pergunta tradicional em qualquer sala de Lisboa, sobresaltaria immediatamante toda a gente, e ficaria sem auditorio para a sua historia.

O que toda a Lisboa hoje quer é ouvir um tiro, esse tiro tão annunciado, tão desejado, que hade participar á capital, que Portugal tem mais um principe ou uma princesa, e que os empregados publicos teem tres dias de feriado.

E ha dez dias que esses tiros são esperados anciosamente, ha dez dias que uns foguetes de Damocles esperam pelas praças publicas o libertador morrão, e por emquanto nada de novo.

Todas as manhãs os lisboetas interrogam avidamente os jornaes, como o principe Paul da *Grande Duchesse,*

> Tous les jours quand parait l'aurore
> Est-ce aujourd'hui?...

E a resposta é sempre a mesma:

> Non... pas encore.

E os dias vão passando, e os rebates falsos vão-se succedendo, e quem quizer sobresaltar hoje a população não tem mais que fazer do que queimar uma girandola.

Ha dias, fez annos o rei d'Italia. Ao meio dia os navios de guerra deram as salvas do estylo.

Pois isso foi o bastante para alvoraçar toda a cidade.

— É princesa, é princesa! diziam uns sugeitos que andam muito mais em dia com a pragmatica da côrte, do que com os annos dos soberanos da Europa: é princesa, vinte e um tiros, contei eu!

Nas repartições muitos amanuenses chegaram a tirar a manga d'alpaca... mas no fim de contas, tiveram de a envergar outra vez, á vista da implacavel folhinha.

E até agora, até ao momento em que escrevemos, *pas encore.*

Sua alteza a princesa D. Amelia passa magnificamente de saude, o principesinho novo, ainda não se resolveu a vir receber o titulo de conde de Barcellos, e Lisboa inteira espera, com todo o interesse que lhe merece a gentil e virtuosa princesa, o momento de *sa delivrance,* tendo já preparados todos os festejos com que ha de solemnisar o nascimento do primeiro filho do enlace tão auspicioso d'estes dois principes tão estimados e tão sympathicos, enlace que ha um anno foi tão excepcionalmente festejado por todo o paiz.

Mais uma vez se provou que os divertimentos combinados com muita antecedencia, nunca dão resultado algum.

A *mi-carême* veio dar mais uma demonstração d'essa verdade.

Como todos sabem, e como nós aqui o noticiámos em tempo, na terça feira gorda, depois d'essa magnifica batalha de flores, que d'um momento para o outro se emprehendeu na Avenida, planeou se, combinou se, uma *reprise* a valer, d'esse divertimento elegante, novo entre nós, para quarta feira de meia quaresma.

A batalha de flores d'esse dia, deveria ser como que a primeira representação, de que a escaramuça florida de terça feira, teria sido o ensaio geral.

Pois a meia quaresma chegou: o sol que nas vesperas andara a fazer negaças, apresentou-se n'esse dia radiante, com um brilho desusado, como se tivesse vestido a sua *toilette* de gala para a festa annunciada: a Avenida encheu-se de gente, o dia estava um encanto: bello scenario, mas faltou o principal, a festa.

Da batalha de flores, d'essa batalha tão annunciada, tão planeada, tão fallada, nem sombras, e apenas o elegante *coupé* da sr.ª marqueza do Fayal, atravessou ás cinco horas a Avenida, enfeitado com quatro ou cinco pequenissimos *bouquets.*

E naturalmente, o sol tendo sido ponctual ao *rendez-vous* marcado na terça feira gorda, e vendo que o ponctual fôra só elle, ficou de mau humor, e por isso se foi embora, mandando em seu logar, umas nuvens escuras como a noite dos trovões e que despejaram sobre Lisboa nos dias immediatos, rios d'agua, fria como a neve, uma agua que parecia trazida da fonte bella do Gerez ou da bica detraz da capella do Bom Jesus do Monte.

E ha muito tempo que a primavera em Lisboa não é tão extravagante, tão exquisita, tão caprichosa como a d'este anno.

O tempo tem estado d'uma inconstancia de mulher bonita.

Tão depressa chove a potes como faz um sol d'escaldar: tão depressa Lisboa parece a Serra da Estrella pelo frio, como parece o Brazil pelo calor, e d'estas rapidas variantes de temperatura desabrocham doenças aos molhos, que felizmente na cidade não tem tomado caracter grave, mas que lá para a provincia tem assumido proporções assustadoras, como por exemplo em Coimbra onde os typhos fizeram já fechar a Universidade e o Lyceu, e em Braga onde as febres de mau caracter começam a tomar certo incremento perigoso, segundo as ultimas noticias.

É de esperar porem, que graças ás providencias que o governo tome e que em cessando estas variações de temperatura, o estado sanitario melhore, os terrores desappareçam, e a provincia se prepare alegre e sadia para receber os seus *touristes* do verão, que se approxima.

O theatro de S. Carlos, prestes a fechar as suas portas, alcançou um brilhante successo lyrico, o seu segundo grande successo da estação, com uma opera antiga.

E verdade que essa opera antiga é d'essas velhas que vallem bem muitas novas, uma verdadeira obra prima, um dos mais gloriosos monumentos lyricos da musica italiana — a *Norma* de Bellini.

Muitos dos frequentadores actuaes de S. Carlos — como nós por exemplo — não tinham na sua memoria reminiscencias das Normas gloriosas dos tempos antigos, e por isso a opera de Bellini era para elles quasi que uma opera nova, conhecida apenas pelos realeijos da infancia, pelos pianos da adolescencia, pelos elogios da familia e por umas vagas reminiscencias longiquas da Fricci.

Ha poucos annos ainda, ha oito ou nove, a *Norma* cantou se em S. Carlos, mas foi uma vez ou duas, poucos a ouviram e mesmo aquelles que a ouviram não teem muito empenho em se lembrar d'ella porque nem a Cepeda era uma Norma para muitas recordações, nem a Borghi apesar da sua gentileza fez lá muita boa figura como Aldeghisa.

Ora eu não sei se nas Normas do passado houve muitas que valessem a Norma d'este anno, não tenho elementos para confrontos, mas o que eu posso affirmar é que por força eram grandes cantoras, tinham muito talento e muita arte, aquellas que poderam — apesar de todas as aureolas de glorificação que as saudades prestam ás reminiscencias de longos annos decorridos — pôr-se ao lado de Helena Theodorini.

A famosa prima dona da Gioconda, encontrou na Norma, que pela primeira vez cantou agora, uma das suas mais notaveis e brilhantes creações, uma d'essas creações poderosas, que tem um cunho hoje raro no mundo artistico — o cunho do genio. Não é só como cantora que a Theodorini é magnifica na *Norma,* e não é só como *virtuose* distinctissima que nós a adimiramos na opera de Bellini, vocalisando com uma facilidade extrema, que rarissimamente se encontra n'uma cantora dramatica, é tambem como comediante eximia, como actriz extraordinaria, que nós a victoriamos assombrados.

A creação dramatica da Norma é uma obra prima d'arte de representar.

A accentuação dramatica de todas as suas phrases é magnifica; e sua expressão tragica admiravel, a sua plastica academica maravilhosa.

Aldeghisa foi a Bendazzi, e foi tambem uma Adeghisa notavel, digna d'aquella excellente Norma.

Desde o primeiro dia em que a sr.ª Bendazzi cantou no palco de S. Carlos nós saudámos logo na gentil cantora um formoso talento artistico, que embora por vezes ainda hesitante, se denunciava brilhantemente, com todos os promettimentos riquissimos d'uma radiante aurora.

Na *Norma* esse talento notavel accentuou-se muito mais senhor de si, affirmou-se já muito mais poderosamente e houve momentos em que Bendazzi realisou já completamente muitas das suas prommessas feitas nas outras operas, em que a cantora celebre d'amanhã appareceu radiosa e triumphante na Aldeghisa de hoje.

As duas illustres cantoras Theodorini e Bendazzi tiveram repetidas chamadas, e calorosa ovação e transformaram n'um grande *successo* a *reprise* da *Norma.*

Infelizmente um incommodo de garganta da Theodorini, não permittiu ainda dar-se segunda representação da famosa opera de Bellini tão notavelmente interpretada.

A *Norma* assim cantada é opera para chamar grande concorrencia ao theatro de S. Carlos e pena é ella ter sido cantada só no fim da epocha, quando o theatro está para fechar.

Apesar porém de estar a findar a estação lyrica, S. Carlos, antes de cerrar as suas operas, ainda nos dará uma opera nova: — *Simão Boccanegra* de Verdi, não o *Simão* que se cantou aqui ha annos, mas o *Simão Baccanegra* remanejado, refundido por Verdi, e que ha annos se cantou em Paris.

Essa opera, — a terceira opera nova que a empresa de S. Carlos nos dá este anno — será a opera d'*obligo* da estação, e subirá á scena com vistas e guarda roupa todo novo.

E todas estas novidades ao fechar da porta, como que para deixar ainda mais saudades aos *dilletanti* de Lisboa.

*Gervasio Lobato.*

# CONDE DE VALENÇAS

**Dr. Luiz Leite Pereira Jardim**

Meu caro Caetano Alberto: — Ahi vão uns traços muito rapidos e mal acabados da biographia, que me pediu.

Não lhe lembro as difficuldades tão melindrosas, em que me envolveu, e que certamente não podem ser extranhas ao seu bom criterio, senão para mostrar que, saindo-me d'ellas, quero dar-lhe uma prova da minha particular estima, e do elevado apreço, em que tenho as suas qualidades de homem de bem, e de trabalhador infatigavel.

Seu amigo
*Zephyrino Brandão.*

---

Eu e Luiz Jardim, contávamos 11 annos de idade, quando frequentámos ambos as aulas do collegio de S. Bento, em Coimbra. Data d'essa epocha a nossa amisade, nunca interrompida até hoje.

Entrámos depois na Universidade, onde tivemos por mestre, no primeiro anno, o honrado lente de chimica inorganica — o qual mais tarde me leccionou igualmente em mineralogia e geologia, no quinto anno philosophico — o sr. visconde de Monte-São, pae de Luiz Jardim.

Eu continuei, cursando as aulas de sciencias naturaes, e o meu condiscipulo foi matricular-se na Faculdade de Direito. Embora applicados a estudos differentes, não poderam estes separar-nos da nossa convivencia intima.

Na casa sempre hospitaleira e franca de seus paes, a quem não posso referir-me nunca sem prestar-lhes o tributo do meu respeito muito cordeal e muito grato; nas formosas quintas de Monte-São; na celebrada *Lapa dos Esteios;* na historica *Fonte dos Amores;* nos viçosos laranjaes e olivedos, que, povoando um extenso valle, ensombram, aqui e alem, casas alvejantes e alegres, e dos quaes está a cavalleiro o eterno *Penedo da Saudade;* no pittoresco *Penedo da Meditação;* nos bailes de Adrião Forjaz, o nosso austero lente de Economia Politica, n'esses animados bailes, em que se davam as mãos a mais rigorosa etiqueta e a ineffavel franqueza provinciana; em Condeixa, em Taveiro, em Cellas, no Porto, no Luso, no Bussaco, na Figueira; emfim nas poeticas margens do nosso querido Mondego; passámos juntos, eu e Luiz Jardim, os melhores dias da nossa puericia e da nossa juventude.

Liamos romances, publicávamos versos, escreviamos contos amorosos, e tambem estudávamos, e tambem riamos, e tambem folgávamos com aquella alegria innocente e descuidada, que nunca mais se encontra no caminho da vida, quando esta começa de abater-nos o animo com o peso das suas tristes realidades.

Eu descrevia em folhetins, no *Conimbricense,* n'esse interessante periodico, do qual é redactor ainda e proprietario o erudito publicista, sr. Joaquim Martins de Carvalho, as brilhantes festas dadas pelos illustres viscondes de Taveiro, na sua

bella residencia do campo de Coimbra; e saudando no *Campeão das Provincias* o meu velho e querido amigo Bulhão Pato, o inspirado auctor da *Paquita*, o facundo Juvenal portuguez, no seu passeio á Beira Alta, em 1862, procurava assignalar a sua luminosa passagem por aquellas boas terras d'entre o *Caramulo* e a *Serra da Estrella*, nas quaes o seu festejado nome continua a repetir-se com justa admiração e respeito.

Luiz Jardim publicava na *Chrysalida*, folha litteraria redigida pelo nosso amigo e contemporaneo Duarte de Vasconcellos, actualmente juiz de direito no ultramar, delicados versos, como são os seguintes que pertencem a uma bella composição sua:

«Helena, lembra-me ainda a doce aurora
Da esperança, do amor, e da alegria;
E sinto uma saudade scismadora
No teu mavioso olhar, que me sorria.

Se eu podesse outra vez volver ainda
Á estancia, que deixámos, venturosa,
Ficaria abraçado á visão linda
Da nossa mocidade tão saudosa.

Mas as rosas do amor lá nos ficaram
Entre a relva do prado emurchecida,
Como as flores do outomno, já sem vida
Nossos sonhos alegres desmaiaram.»

Ao mesmo tempo escrevia, n'um estylo primoroso, artigos de critica litteraria e artistica, em diversos periodicos.

Na *Correspondencia de Coimbra* lemos d'elle:

«Coimbra é uma nação pequena. Tem talentos seus, antiguidades suas, vergeis floridos, e perpetua mocidade.

«Em Coimbra forma-se o sabio, o advogado, o poeta, e o legislador.

«Em Coimbra existe a capella gothica, o convento monastico, e o fundador da monarchia, modelado em marmore, hirto no silencio do sepulchro.

«Em Coimbra passeia o republicano (dentro dos limites da Carta), devaneia o poeta, aconselha o auctoritario.

«Coimbra é a terra da RAINHA SANTA, dos archeiros de alabarda, da charamella de D. Diniz, do argumento, da replica, da poesia, da tradição, da vida espiritual: emfim é Coimbra.

«Está ligada ao passado e ao futuro; ao passado pelos seus monumentos antigos; ao futuro pela sciencia que a Universidade cultiva.

«É uma lyra coroada de myrthos, e uma cythera coroada de estrellas. Tem especialmente tres cordas: a mocidade que canta; a tradição que encanta; e a natureza que espanta.

«E tem sobretudo a Universidade que ensina».

Estes trechos escolhidos, ao acaso, e ligeiros pródromos de Luiz Jardim, denunciam a cultura intellectual, e as aptidões, que já patenteava na sua juventude, para a poesia e para a litteratura.

Deixei Coimbra, e por isso tive de apartar-me tambem d'esse affectuoso meio, em que «foi vida de irmãos a nossa», e em que ficavam Luiz Jardim com os seus e meus companheiros, que eram, entre outros, o João Penha, o José Simões Dias, e o nosso mallogrado amigo, cujo nome recordo com infinita saudade, o Guimarães Fonseca: tres poetas.

Os deveres da minha profissão obrigaram-me a estar fóra de Lisboa 14 annos. Volto aqui e venho encontrar Luiz Jardim na sua constante labutação, no perseverante empenho de realisar sempre trabalhos fecundos.

Ha poucos dias, vejo-o entrar, de um modo muito honroso para elle, na segunda classe da Academia Real das Sciencias, como seu socio correspondente.

Conforme as notas que tomei, quando se leu, na sessão de 30 de dezembro findo, o parecer sobre a sua candidatura, assignado pelos srs. Thomaz Ribeiro, relator, José Dias Ferreira e Ignacio Francisco Silveira da Motta, diz-se alli:

«Senhores:—Foram presentes á secção de sciencias moraes e juridicas d'esta Academia os *Estudos sobre organisação judicial*, *A liberdade testamentaria*, *As magistraturas populares*, *As alfandegas e o systema economico de Portugal*, *A Instrucção primaria no municipio de Lisboa* e o *Tumulo de Gambetta em Nice*, livros do sr. Doutor Luiz Jardim e que elle apresenta para servirem de titulos á sua candidatura de socio correspondente d'esta Academia. A disposição do meu animo ao rever aquelles trabalhos era já inteiramente favoravel ao candidato, estudante que fôra laureado na frequencia do seu curso, e professor sempre considerado na regencia da sua cadeira na Universidade de Coimbra, no decurso de sete annos. Já mesmo como advogado nos auditorios de Coimbra em 1867 publicou elle ou antes fundou com o sr. Dr. Manoel de Oliveira Chaves e Castro a Revista de Legislação e de Jurisprudencia, repositorio de preceitos e actos juridicos que frequentemente e com proveito se consulta. Não acompanhamos o nosso candidato na sua collocação em Faro como secretario geral (Decreto de 10 de novembro de 1870) d'onde o trouxe a Coimbra um concurso para logares do magisterio, aberto na Faculdade em que se doutorára. Dizemos só que as suas provas mereceram o logar que solicitara. (Decreto de 15 de março de 1871, confirmado por decreto de 10 de junho de 1873.) Foi então que publicou o seu estudo sobre *A liberdade testamentaria*, onde sustenta a justiça e a conveniencia da partilha forçada. Pode soffrer contestação este parecer, mas não pode negar-se elogio ao seu trabalho consciencioso e erudito. O estudo sobre *A organisação judiciaria* fora publicado em 1866 por occasião do seu doutoramento. Durante os sete annos de regencia da sua cadeira universitaria, sempre o sr. Jardim estudava e publicava o resultado do seu estudo sobre *Economia politica*; dão testemunho d'esta assiduidade as paginas do *Instituto de Coimbra*. *As alfandegas e o systema economico de Portugal*, onde se encontra averiguações historicas relativas aos seculos XVII e XVIII mereceram especial menção de elogio ao nosso finado consocio Teixeira de Vasconcellos. Foi em 1877 que o sr. dr. Jardim começou de escrever novos estudos juridicos sobre *As magistraturas populares* e d'elles temos diante dos olhos os *Juizes ordinarios e o jury*. Merecem a nossa consideração estas publicações pela argumentação do jurisperito e pelo esmero de estylo em que são descriptas. Não são essenciaes ao juizo da classe outros motivos ou a menção d'outros trabalhos, que tenham illustrado a carreira do candidato a que me refiro e por isso não o acompanharemos nas sessões do Instituto de Coimbra, que em 1868 o recebeu no seu gremio; não assistiremos aos seus trabalhos na commissão de que foi secretario encarregado em 1875 (Decreto de 1 de maio) de formular um projecto de codigo de processo criminal, nem mesmo na camara de Lisboa (Eleito vereador em 15 de julho de 1877): assistiremos aos seus assiduos serviços, embora muito poderiamos dizer sobre os que prestou á instrucção primaria, que muitos foram e valiosos. Tambem, como deputado (Eleito em 19 de outubro de 1879 pela primeira vez), nos poderia fornecer provas do seu talento e da sua erudição, se fosse preciso percorrer os seus trabalhos nas commissões electivas, para que o destinaram, de instrucção primaria, de instrucção superior e dos negocios extrangeiros, ou reler os seus discursos parlamentares. Tudo isto, porem, se menciona porque veja a Classe onde pode encontrar vestigios da sua passagem honrada. E pois que fallamos de trabalhos dignos d'attenção, embora não sejam propriamente academicos, justo é referir a coadjuvação zelosa, illustrada e proficua prestada por elle ao que é hoje nosso presidente, a Sua Magestade El rei na fundação e na manutenção dos *Albergues nocturnos*, que são já hoje uma das mais sympathicas instituições de caridade d'estes reinos. Para terminar mencionarei uma obra litteraria do nosso candidato o *Tumulo de Gambetta em Nice*. É escripto em estylo alevantado e n'elle se revela, alem do saber respectivo do panegyrista, a innata generosidade dos seus sentimentos. Concluiremos, pedindo á Academia que receba no seu gremio este candidato. Merece-o, não só pelas publicações que nos foram presentes, mas tambem pela sua vida publica, sempre laboriosa, escrupulosa e honesta. A Academia poderá contar n'elle como um filho trabalhador intelligente, instruido e amante, dotes que não podem ser indifferentes á sua justa ambição de engrandecimento e de gloria.»

Este juizo, que foi unanimemente approvado pela douta corporação, é documento comprovativo de ter Luiz Jardim sabido aproveitar os dotes intellectuaes que á Providencia approuve repartir com elle, e que logo ao alvorecer da sua mocidade academica revelára com tanta exuberancia.

E, possuindo abundantes bens de fortuna, não se deixa adormecer no regaço da opulencia, exclamando, como o pastor de Virgilio:

*Deus nobis hæc otia fecit*. Não. Continua a ser obreiro infatigavel e prestante, pondo ao serviço das regalias e dos direitos populares a sua palavra e a sua penna.

Da linha recta, em que caminha imperturbavel e firme, procurando satisfazer a nobre aspiração de ser util, nenhuma contrariedade poude ainda desvial-o. Nada o faz sossobrar, porque a tudo sabe resistir a sua grande força de vontade.

Ultimamente foi agraciado com o titulo de conde de Valenças, em duas vidas, e com a commenda de S. Thiago. Os altos poderes do estado, conferindo-lhe essas distincções, para premiar os seus serviços á causa da instrucção popular, de que elle é estrenuo e generoso defensor, e os prestados ao paiz nas diversas commissões, que tem desempenhado com merecido applauso, praticáram um acto benemerito, em que tambem a si honráram.

O que, porém, illustra mais o meu antigo companheiro do collegio, é a firmeza do seu caracter impolluto; é a formosura da sua alma immaculada.

Nunca, nem mesmo nas mutuas expansões da nossa intimidade, lhe ouvi pronunciar uma palavra, que podésse ferir, sequer de leve, a reputação de pessoa alguma.

Virtude rarissima, n'este meio indolente e mexeriqueiro, em que vivemos!

É esse o mais brilhante florão da sua coroa de conde.

*Zephyrino Brandão.*

# AS NOSSAS GRAVURAS

## PONTE PINHEIRO CHAGAS, SOBRE O RIO LUCALLA

A ponte, que os nossos leitores podem vêr debaixo de dois aspectos differentes, sendo principalmente um d'elles muito pittoresco, é uma das obras mais monumentaes da Africa Portugueza, e um dos documentos que melhor attestam o que teve de pratica, de util e de grandiosa a administração do governador geral de Angola, o sr. conselheiro Ferreira do Amaral.

Havia muito que esta obra se reclamava; porque o rio Lucalla, um dos mais importantes da provincia, e que dá passagem para alguns dos concelhos mais ferteis do interior do districto de Loanda, offerecia muitas vezes um obstaculo insuperavel á passagem dos carregadores e sempre grandes difficuldades, porque o regulo d'aquelles sitios exigia uma verdadeira portagem para consentir que se atravessasse o rio, com grave prejuizo e vexame para o commercio.

O energico governador, o sr. Ferreira do Amaral, deliberou mandar construir a ponte, e, como para a construir assim, monumental, não lhe sobravam os recursos, pediu ao ministerio da marinha nos fins de 1883 authorisação para fazer uma operação financeira, d'onde houvesse as sommas indispensaveis. Entrára havia pouco tempo na gerencia da pasta da marinha o sr. Pinheiro Chagas, que expediu com a maxima rapidez a authorisação necessaria, e o sr. Ferreira do Amaral deliberou dar então á ponte o nome de ponte Pinheiro Chagas, em lembrança do ministro que acceitára a sua iniciativa, e efficazmente a coadjuvára.

A ponte, cujo risco se deve ao distincto engenheiro o sr. Claudino Faro, começou se em 1884, e está hoje quasi concluida. Tem-se trabalhado excellentemente, com acerto e actividade, e a nova ponte ficará attestando o esforço com que Portugal está procurando resgatar o seu longo lethargo em materia de desenvolvimento ultramarino.

O sr. Joaquim José Machado, um dos nossos mais notaveis engenheiros, encarregado de inspeccionar as obras publicas de Angola, tendo ido visitar os trabalhos da ponte do Lucalla, fez o mais largo elogio a essa obra, e ao engenheiro que a delineára.

## PALACIO E QUINTA REAL DO ALFEITE

Vem de longe a historia do palacio do Alfeite e quinta, pois que D. Affonso Henriques, depois da conquista de Lisboa, duou aos inglezes este palacio e quinta que já existiam com a denominação então de Penha.

No reinado de D. Sancho I passou a ser propriedade dos cavalleiros da ordem de S. Thiago, e no reinado de D. Diniz entrou na corôa sendo dado ás rainhas.

Assim fez parte do dote que D. Fernando deu á rainha D. Leonor Telles, que por sua parte o duou ao celebre judeu David Negro, em paga dos bons serviços que lhe prestára.

O mestre de Aviz, durante a sua regencia duou este palacio a D. Nuno Alvares Pereira, o que deu

logar a uma demanda por parte da esposa de David Negro em seu nome e no de seus filhos, demanda que se prolongou pelo espaço de nove annos, terminando em 1393 por uma composição, em que os herdeiros de David Negro ficaram com o referido palacio e mais bens existentes em Almada.

O condestavel comprou depois esta propriedade, e para ella foi viver durante o tempo em que as intrigas que o indispozeram com o rei, estiveram a ponto de o fazerem perder todas as doações e regalias adquiridas.

Em 29 de setembro de 1403 fez-se a reconciliação entre o monarcha e o condestavel, e quasi um anno depois, a 28 de Julho de 1404, D. Nuno Alvares Pereira fez doação d'esta propriedade, bem como de outros bens, á ordem de Santa Maria do Carmo.

Foi depois d'esta duação que o palacio e quinta da Penha passou a denominar-se do Alfeite.

Em 1697 foi incorporado na casa do infantado por D. Pedro II, este palacio e quinta. D. João V, D. Maria I, e D. Miguel de Bragança accrescentaram esta propriedade com quintas que compraram e reuniram á do Alfeite, ficando assim composta das quintas da Romeira, Piedade, Outeiro, Quintinha, Antelmo e Bomba, da vinha do Pagador, Lagôa de Albufeira, pinhaes de Curroios, e do Cabral, e os moinhos de Galvão, Passagem, Capitão e Torre.

AFRICA PORTUGUEZA — Ponte Pinheiro Chagas recentemente construida sobre o rio Lucalla
1.ª vista (Segundo uma photographia de J. B. Pavão)

A rainha D. Maria II fez doação do palacio do Alfeite ao sr. conde de Thomar, hoje marquez do mesmo titulo, mas esta doação foi annulada pelas côrtes.

O palacio que a nossa gravura apresenta não é aquelle de que acabamos de fallar, mas uma nova edificação elegante e confortavel, mandado fazer por el-rei D. Pedro V.

Esta edificação construida no meio da quinta do Alfeite é uma das vivendas reaes mais encantadoras, embora de acanhadas proporções.

Fizeram-se ultimamente n'este palacio varias obras no sentido de o preparar, para hospadagem dos srs. condes de Paris, hospedagem que não se realisou alli, porque suas altezas hospedaram-se no *Grand Hotel Central*.

## A ESPINGARDA «MAUSER»

A espingarda denominada «Mauser», ultimamente adoptada no exercito allemão, foi apresentada pelo seu auctor a primeira vez em 1871, e sujeita á apreciação da *Escola allemã de tiro*, soffreu sensiveis modificações, sendo-lhe adiccionado um machinismo de repetição, o que tudo ficou approvado em 1884, depois de repetidas experiencias.

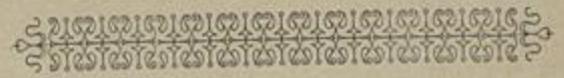
AFRICA PORTUGUEZA — Ponte Pinheiro Chagas recentemente construida sobre o rio Lucalla — 2.ª vista
(Segundo uma photographia de J. B. Pavão)

A nossa gravura da pagina 72, representa uma secção longitudinal d'esta espingarda, onde se póde vêr o seu machinismo e deposito de cartuchos, o que lhe permitte o disparar dez tiros em trinta segundos, sem necessidade de ser carregada durante este espaço de tempo.

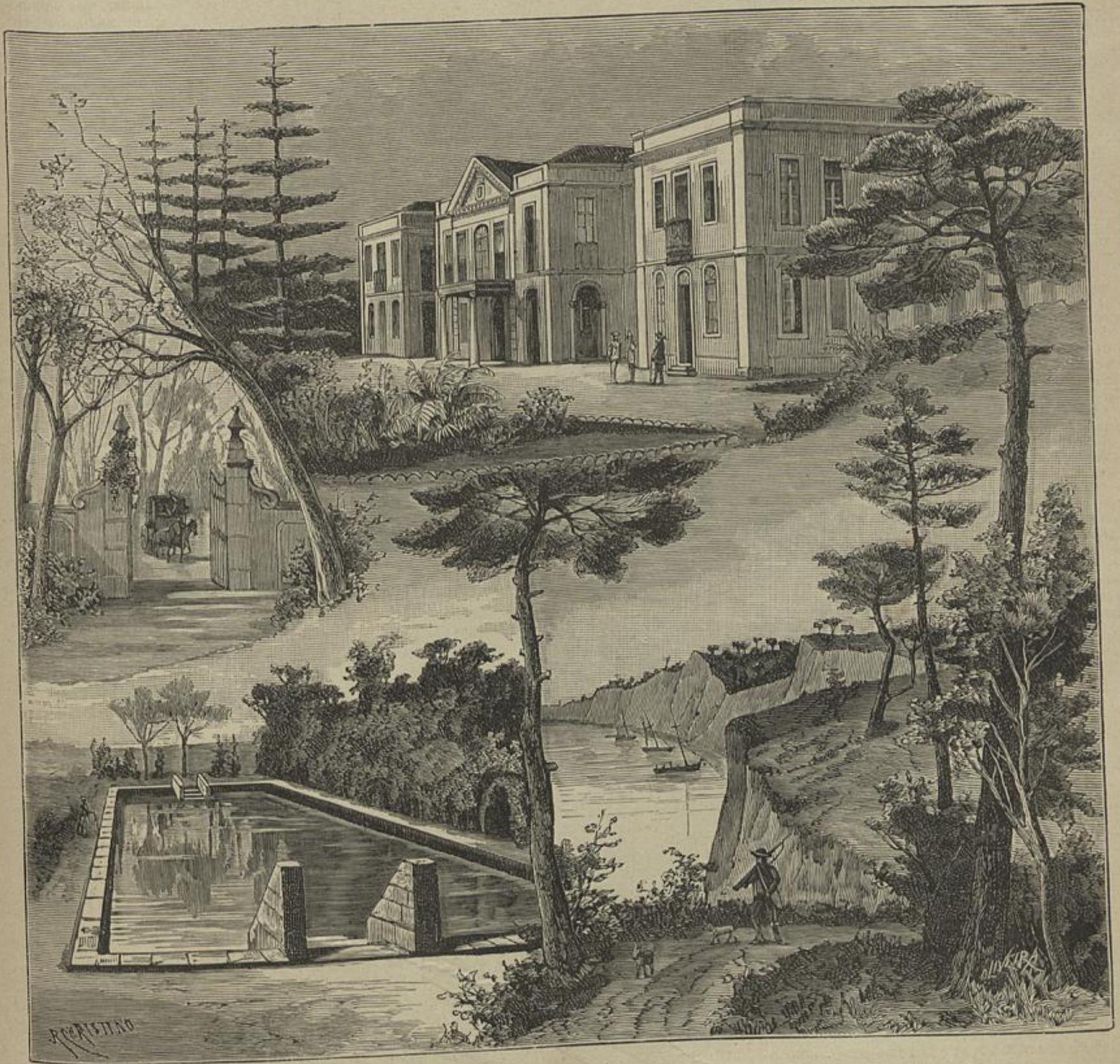
Tem esta arma grandes pontos de comparação com a arma Kropatschek ultimamente adoptada no exercito portuguez, levando esta ultima grande vantagem áquella, tanto em numero de tiros como em levesa.

A arma *Mauser* tal como foi modificada, fica inferior em tiros á arma Colt que no mesmo espaço de tempo dispára quinze tiros e á Vetterli que dispára trese.

Entretanto esta desvantagem é compensada pela precisão do tiro que a arma *Mauser* conseguiu com as modificações que lhe fizeram.

A espingarda *Mauser* mede com a bayoneta armada 1,80 metros e pesa descarregada 5 kilos e 800 grammas, o seu alcance eleva-se a 600 metros.

# FONTES PEREIRA DE MELLO

## VI

O periodo que estamos agora historiando não é só o mais brilhante da vida do grande ministro, é um dos mais brilhantes d1 historia portugueza, um dos mais brilhantes da historia moderna.

PALACIO E QUINTA REAL DO ALFEITE — Entrada da quinta, o palacio, lago do Antelmo, Alfeite
(Desenho do natural por J. R. Christino)

Se o que se passou n'este pequeno paiz se passasse n'uma d'essas grandes nações, cuja historia é lida em todo o mundo, a campanha emprehendida por Fontes Pereira de Mello para reconstituir o paiz arruinado e dilacerado seria considerada como um dos episodios mais brilhantes da historia universal.

A obra que emprehendia era agigantada; o talento com que a defendia na camara era surprehendente.

O decreto de 3 de dezembro de 1851 que mandava capitalisar os juros da divida publica dos ultimos semestres que ainda se não tinham pago, e os vencimentos dos empregados publicos que estavam n'um atrazo de uns poucos de annos, levantou grandes clamores. Evidentemente era impossivel reorganisar-se a fazenda publica, estabelecer-se inalteravelmente o pagamento integral de todos os empregados, se tivesse de se contar tambem todos os mezes com o pagamento de recibos atrazados. E demais, em proveito de quem faria a nação esse sacrificio esmagador? Em proveito dos empregados? Não; em proveito dos agiotas, que lhes tinham rebatido usurariamente os recibos, e que apresentavam depois esses documentos de uma expoliação ignobil como os titulos de uma divida sagrada. A energia do ministro da fazenda resolveu o problema. Capitalisou o atrazado, que entrou portanto nas regras geraes da divida publica, e pagou em dia os vencimentos correntes. Os agiotas clamaram, e encontraram vozes que os defendessem nas camaras, mas essas vozes tiveram de emmudecer perante a palavra eloquente do

joven ministro coberto de bençãos por todo o funccionalismo, que nunca mais encontrára no principio dos mezes cerradas as portas da Pagadoria.

O orçamento que Fontes apresentava para 1852-1853 calculava em numeros redondos 10:000 contos de receita; trinta e cinco annos depois, graças ao enorme impulso que o seu genio imprimiu ao paiz, a receita do orçamento anda por 30:000 contos!

Mas era incansavel a sua actividade. Adjudicava-se a uma companhia a construcção das duas linhas de Norte e Leste, remodelava se a circumscripção do municipio de Lisboa, reformava-se a velha alfandega das Sete Casas, passava a constituir receita normal do Estado o producto da venda dos bens nacionaes, que até então constituia fundo de amortisação, instituia-se uma commissão de pautas, supprimia-se uma alluvião de impostos, que todos se refundiam na contribuição predial de tão importante rendimento.

Logo em seguida creava-se o ministerio das obras publicas, e, como era natural, ia Fontes gerir essa nova pasta. Immediatamente se tomaram providencias de immenso alcance, cujos resultados já hoje conhecemos. Creava se o Instituto Industrial, creavam-se as quintas regionaes de agricultura, gastavam-se n'um anno 413 contos em conservação, reparação e conclusão de estradas. Havia uns poucos de annos que esses trabalhos estavam suspensos, de forma que as estradas que existiam achavam-se intransitaveis. Circulava em todo o paiz uma vida nova. Os que se mostravam ao principio adversos ao ministerio, mas que eram homens de boa fé, arrastados pelo enthusiasmo que a todos inspirava este movimento, esta resurreição da actividade portugueza, vinham trazer-lhe as suas adhesões. O applauso ardente, sincero e franco de José Estevão, foi uma das mais suaves recompensas que o joven ministro alcançou.

Mas Fontes tinha muitas vezes que defender na camara os seus actos contra os protestos da rotina. O caminho de ferro do Porto levantou muitas resistencias Achavam que o paiz só precisava de um caminho de ferro. «Pois a mim! respondia Fontes energicamente, custa-me a contentar-me com dois!» E, defendendo o caminho de ferro do Porto, exclamava com um enthusiasmo, que os resultados não tardaram a justificar brilhantemente: «O caminho de ferro entre Lisboa e Porto ha de ser um grande elemento de riqueza nacional. Quando se fizer, ha de ir restituir, deixe-se me assim dizer, ás classes productoras aquillo que ellas gastam extraordinariamente no transporte, e que vem sobrecarregar a mercadoria até ao foco do consumo.»

Proseguindo nas suas reformas importantissimas, completava Fontes a sua organisação do ensino da agricultura, creando o Instituto Agricola, como creára o Instituto Industrial. Em tudo quanto temos de util e de grande, modernamente creado, se encontra a iniciativa de Fontes Pereira de Mello. Creou elle tambem o conselho das obras publicas, de que é successora a actual junta consultiva, e escolheu para o compôrem os homens mais importantes do paiz n'essa especialidade. Tres ainda estão vivos: são os srs. Joaquim Thomaz Lobo de Avila, hoje conde de Valbom, João Chrysostomo de Abreu e Sousa, e Caetano Alberto Maia.

Ha uma medida importantissima, que foi promulgada depois por um ministerio historico, mas em que tambem Fontes tomou a iniciativa. Oppozeram-se á sua realisação difficuldades n'esse tempo insuperaveis, mas foi elle quem desbravou o terreno, e quem preparou o triumpho aos que depois conseguiram levar por diante a sua idéa. Fallamos da abolição do monopolio do tabaco. O projecto de lei foi apresentado pelo ministro em sessão de 7 de março de 1853:

«Unico dos privilegios odiosos que a restauração de 1833 não destruiu, dizia Fontes no notavel relatorio que precedia esse projecto de lei, o monopolio do tabaco e do sabão ficou em pé com todos os seus inconvenientes antigos, e torna-se hoje mais intoleravel, porque as idéas e os costumes da epoca presente o combatem, e porque o espirito da civilisação triumphou de todos os outros obstaculos, que lhe impediam o caminho, e, vendo-se obrigada a parar diante d'este, como que se irrita e parece dar aos seus esforços um caracter que ás vezes pode confundir-se com uma lucta violenta e apaixonada...

«O principio tão popular e tão fecundo da liberdade de trabalho é violado, porque o monopolio veda a todos os cultores o fabrico, a venda e o commercio do tabaco e do sabão, que, sendo livres, occupariam centenares de braços, derramando por todo o reino um trabalho, uma riqueza que hoje se acham concentrados em um ponto unico e em proporções estrictas, que com aquella liberdade tomarão um desenvolvimento extenso.»

O pensamento de Fontes Pereira de Mello não pôde executar-se, mas, se ao sr. conde de Valbom cabe a gloria incontestavel de ter supprimido o monopolio do tabaco, a Fontes Pereira de Mello cabe a gloria tambem de ter sido elle o precursor, o ministro arrojado, que primeiro confiou na salutar influencia da liberdade. Registe-se este facto.

(Continua) *Pinheiro Chagas*

---

# A TIA ANNA DOMINGAS

Era uma bôa velhinha de sessenta invernos, cabellos nevados, mãos tremulas e um sorriso muito suave nos labios. O olhar vivo e alegre conservava ainda o brilho fugitivo da sua mocidade tranquilla vivida na aldeia pittoresca em que nascêra.

E que linda a aldeia!

Pinheiraes por todos os lados, descendo pelas encostas para os valles, e ella posta no dorso do monte, chaminés altas furando os tufos de verdura, alvejando de longe, o campanario da ermida com a sua cruzinha de ferro no topo, silvados floridos logo ao pé dos casaes, os apriscos pegados ás habitações de telha solta e paredes brancas de neve.

Nos arredores não havia outra mais garrida nem mais alegre.

Bom ar, bom sol, tudo bom! O sol não se fartava de ir ali todos os dias banhar-se nas sombras dos bosques, cerrados como os mysterios, silenciosos como as ruinas d'um templo antigo.

E os velhos envelheciam ainda mais, esquecidos da morte que parecia respeitaI-os, pergaminhos encarquilhados que repetiam as tradições do logar aos novos rebentões que vinham todas as primaveras alegrar o povoado. A tia Anna Domingas era uma d'essas paginas vivas deixadas pelo tempo.

Uma santinha! — no dizer da gente do campo. Sã como um pero, rija que nem uma cachopa de vinte annos e bôa como mais ninguem.

— Salve-a Deus, tia Anna!

— Deus seja comtigo, filha. E a tua obrigação?

— Mal, tia Anna, mal... O meu homem colheu umas sesões e agora venho eu da villa, de fallar com o *surjão*.

— Coitada da Francisca! Ora não há!

— E vae *ó depois*... sim, que a gente não *samos* ricos... ora vou-me a ver se vendo os brincos da cachopita para pagar a mezinha.

— Oh! mulher! lá isso não. Tem-te ahi, que a gente está no mundo para se ajudar uns aos outros. Ora anda cá dentro...

E pouco depois a Francisca saía de casa da tia Anna, os olhos cheios de lagrimas e a boca cheia de risos.

Era aquillo sempre: umas mãos rôtas para todos.

A Josepha do moinho estava doente...

Logo de manhãsita os netos da tia Anna vinham acordar a avó, muito alvoroçados: é que faltava a gallinha grande, «a calçuda».

Mas ella sorria-se com o seu sorriso ingenuo, n'uma grande admiração:

— Sim?! Deixem lá, filhos, deixem. Isso foi corvo que tinha fome e que levou o bichano para o ninho dos filhos...

E o sol enchia alegremente o quarto da tia Anna Domingas, em quanto na lareira da Josepha continuava fervendo a gallinha roubada pelo corvo da vespera.

Quando morreu o Domingos da Eira, a tia Anna puxou pela Roza.

— Onde comem dois comem tres...

E a cachopa ficou em casa, tratada como filha, até que se casou.

Caçador que passasse na aldeia, viajante a quem a noite surprehendesse no caminho, todos vinham bater á porta do casal, onde havia sempre bom lume, ceia farta e cama limpa.

A tia Anna era chamada para tudo, consultada para tudo: festas de igreja, casamentos, baptisados, matança de porco pelo Natal. Quando ella entrava, os rapazes pediam-lhe a benção. Na capella havia um banquito para ella, ao pé do altar: ás lareiras davam-lhe sempre o melhor logar. Respeitavam-a como a um patriarcha biblico, e, se adoecia, os visitantes acudiam ao casal, cheios de anciedade, aos magotes; e não lhe deixavam a porta, de manhã á noite, perguntando noticias: nem que a tia Anna fosse um ministro de estado!

Quando ella ás tardes caminhava, no seu passo tropejo e vacillante, para a capella da aldeia, toda a creançada do povoado, saía-lhe ao encontro, alegre de a ver.

— Olha a tia Anna Domingas!

— Sua benção, tia Anna!

E agarravam-se lhe á saia, pulando de contentes, rodeavam-a, seguiam-a, faziam alas e acompanhavam-a assim até á igreja, como em procissão.

E ella sorria-se, toda enlevada, bondosamente, afagando os pequeninos do povoado.

Na capella então era um encanto! A tia Anna ajoelhada; em torno todas aquellas cabecitas agrupadas; o crepusculo a cair, a cair; um grande silencio na igreja uma luzita ao Santissimo... Depois um cantico singelo — a Salvé Rainha! — entoado por um cem numero de bocas rosadas, em quanto lá fóra, nos tojaes e nos sobreiros, a passarada se aconchegava chilreando — bello concerto feito com vozes de creanças e ruidos de azas!

Á saida a tia Anna era sempre esperada pelo sr. cura, um velhinho muito pallido e muito curvado.

E tinham ambos uma longa palestra, ao expirar dos crepusculos, todas as tardes, n'aquelle mesmo adro onde tantas vezes tinham brincado juntos. Mas ia já tão afastado esse tempo bom em que ella era uma rapariguita de dez annos, e elle um pequeno aldeão traquinas! Que bellas correrias por aquellas devezas fóra, tu para aqui, tu para alli, alem caio, acolá me levanto, em cata das borboletas e das flores! Agora...

E ficavam-se parados, encarando-se, olhos nos olhos, com um sorriso desbotado de saudades e de recordações por esse poemeto com versos de oiro que não tornariam a ler, nunca mais...

Despediam-se então, movendo as cabeças branqueadas pelo tempo, n'um ar de resignação triste: — «Vae com Deus, mulher...»; «Fica-te com Elle, Antonio...» — ao passo que a pequenada comtemplava em silencio o grupo dos dois velhos amigos, amigos desde a infancia, amigos ainda ao pé do tumulo.

—

Um dia a tia Anna Domingas caiu deveras; e á noite, sentindo-se mal, pediu que lhe fossem chamar o padre Antonio: queria confessar-se ainda uma vez.

Quando saiu de lá, o sr. cura vinha mais pallido, mais curvado, e trazia os olhos molhados. Affiançava se até que elle não pregara olho em toda a noite: alguem que passou na azinhaga, ao romper da madrugada, vira luz na janella e uma sombra passando nos vidros, como de pessoa agitada que tivesse grandes maguas no coração.

A tia Anna morreu na tarde seguinte — um sabbado. Nem lhe valeram as velas postas a arder ao altar da Virgem, na igregita do logar.

Morreu...

A noticia correu logo. Os aldeões largaram o trabalho ainda antes de se pôr o sol; e pouco depois á porta do casal juntava-se o povo todo: mulheres com os filhos nos braços, raparigas que recolhiam das fazendas, velhos tremulos e creanças.

Tudo chorava. Foi um dia de luto...

*

* *

Na outra manhã foi o enterro.

Ia a aldeia em peso.

Maio em meio.

O sol levantara-se ha pouco de traz dos pinheiraes do nascente, batendo em cheio nas chapadas da Sapeira, quando o cortejo parou ao pé da *Oliveira dos defuntos*. Era ali que os camponezes poisavam os caixões quando vinham do logar para o cemiterio da villa, que ficava lá em baixo, na cava dos cerros.

Duas alas compridas de cachopas de cinco a dez annos precediam o esquife, levado por quatro rapazes dos mais robustos do logar. Logo no coice caminhava o sr. cura que tinha os olhos vermelhos de chorar, e mais atraz o povo todo.

Pararam.

No tronco carcomido da velha oliveira via-se uma cruz pequena de madeira tosca, enegrecida pelas invernias.

O caminho estreito apresentava-se ainda humido das ultimas chuvas: na lama barrenta, já secca, cavavam-se sôbrodas fundas e pégadas largas de rebordos quebradiços que se esboroavam. Dois renques de relva toda matizada de gotitas esphericas de orvalho, que scintillavam como brilhantes, seguiam as beiras da azinhaga.

Pelos vallados, entre as piteiras esverdeadas, assomavam pequenas margaridas silvestres e aqui e ali, sobre as largas tiras de terreno em que os malmequeres poderiam colher-se aos punhados — alcatifas frescas de desenhos caprichosos — dor-

miam tranquillamente, pesadamente, as copas verde-negros dos olivedos.

No alto erguiam-se direitos, immoveis, em massa, os troncos escuros dos pinheiros, contornando os cabeços. O ar puro da manhã vinha impregnado do perfume acre das estevas. A passarada voejava nos ramos fartos, enchendo a atmosphera de interminaveis chilreadas, alegres como risos; e aquelle céu todo azul e sereno — abobada recuada d'uma grande cathedral — tinha a limpidez dos lagos desertos nas tardes de outono.

Nos espinheiros que orlavam o caminho enredavam-se montões de trepadeiras em flôr. E os espinheiros vergavam ao peso das espiraes de verdura, que pareciam abraçal os nas suas mil voltas tortuosas e inextricaveis: e a briza ligeira e suave como um beijo embalava de vagar aquelles diversos grupos de amantes perdidos na liberdade sadia das quebradas.

O velho padre sentou-se á beira do vallado, morto de fadiga — uma caminhada por aquelles declives tão asperos!

Mas foi. Era o seu ultimo adeus á morta que partia adiante. Quiz ainda uma vez ver a *Oliveira dos defuntos*, e aquelles plainos verdes, por onde saltara e corrêra, ha muito tempo, com aquella que ali dormia já e para sempre.

Que tristeza!

Não iria mais longe: para que?

Levantou-se, convulso, os braços pendidos, os labios tremulos.

— Vae, minha amiga... Deus te guarde lá em cima. Eu fico aqui esperando vez...

E calou-se, afogado em soluços. Em volta do esquife agrupavam-se os camponezes consternados mordendo os beiços para conterem as lagrimas, grossas como punhos e grandes como a dôr que lhes ia dentro de alma.

— Vão, vão, meus filhos. Levem-a para a sua ultima morada. Eu volto para a minha ermida...

E ficou ali pregado, em pé, junto da velha oliveira, a cabeça descoberta, os cabellos, brancos como fios de linho, ondeando com a briza da manhã, banhado por uma restea de sol que o espreitava de entre os ramos, em quanto o cortejo subia vagarosamente o monte da Sapeira para a *Encruzilhada dos quatro caminhos*.........................

.........................................

D'ahi por instantes, saindo do cerrado dos arvoredos ouvia-se ao longe um cantico singelo, a — Salvé, Rainha! entoado por vozes infantis, ao passo que um grande bando de passaritos voava, chilreando, para o sul...

Um melro que pousara n'um galho nú de oliveira, inclinou curiosamente a cabecita negra, a escutar aquelle concerto feito com vozes de creanças e ruidos de azas...

*Lorjó Tavares.*

# ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

## XXVII

A febre amarella e o dr. Domingos Freire — Onde reside a consciencia — A vaccina contra o cancro — Cura da diabetes — Contra a enxaqueca — Effeitos venenosos da colchicina — O sol destroe os microbios — Preceitos hygienicos — Novo microtomo — As tempestades — Previsões do tempo — Observações solares

O sr. Trouessart, na *Revue scientifique* de 8 de Janeiro, faz justiça aos trabalhos do distincto medico brazileiro o dr. Domingos Freire, e sobre tudo aos seus livros intitulados *Doctrina microbiana da febre amarella e das suas inoculações preventivas*, e *Vaccina da febre amarella, resultados estatisticos.*

Como se sabe, o distincto clinico tinha já em 1880 publicado um livro sobre as causas, a natureza e o tratamento do terrivel morbo, que é actualmente endemico, tanto no golpho do Mexico, como no golpho da Guiné. Foi comtudo em 1883 que o governo brazileiro encarregou o dr. Domingos Freire de fazer novos estudos sobre a natureza dos microbios, suppostos causadores da febre amarella.

Este microbio é o *Cryptococcus xanthogenicos*, que se encontra em todos os orgãos dos individuos atacados. É *xerobio* como os globulos sanguineos e por isso trava uma lucta renhida pela existencia na qual as *hematias* succumbem quasi sempre. O sangue dos vasos capillares parece ser o seu logar de eleição. Cultivado segundo o methodo Pasteur, na temperatura de 38° ou 39°, transforma-se rapidamente. No liquido da cultura encontra-se um sedimento negro formado do envolucro das grandes cellulas reproductoras. O exame chimico prova que esses envolucros se transformaram em *ptomainas*. Os *vomitos negros* e as dejecções alvinas dos enfermos são corados com estes envolucros cellulares, que se transformaram n'essas substancias extremamente venenosas.

Como experiencia o dr. Domingos Freire inoculou o sangue contaminado a gallinhas e a pombas, sem que estes animaes se mostrassem atacados. Attribue se á temperatura elevada propria ao sangue das aves — 42° — esta immunidade.

Eis como se prepara o liquido de cultura proprio ás innoculações preventivas. Injecta-se o sangue de um individuo, que succumbiu á febre amarella nas veias de um *porco da India*, e o sangue d'este n'um outro animal da mesma especie, e assim successivamente. Na 10.ª ou 12.ª geração do microbio primitivo, acha-se uma notavel diminuição de virulencia. A attennação é devida aos novos meios que o microbio atravessa passando pelo organismo do *porco da India* e sendo depois cultivado em balões esterilisados e contendo caldo de vacca, gelatina ou leite.

Todavia as culturas attenuam se por si mesmas sob a influencia do ar e de tal modo diz o dr. Freire que um liquido primitivamente virulento pode ser inoculado sem perigo algumas horas depois.

Entre 1883 e 1884 epoca em que a febre amarella era flagicio tremendo no Rio de Janeiro, o dr. Freire vacinou 418 pessoas, e não sómenteantes da epidemia, mas quando a epidemia se manifestava mais cruel.

N'esse espaço de tempo o numero de pessoas mortas do terrivel morbo sobe a 650, das quaes 577 eram estrangeiros e 73 brazileiros.

Dos 418 vaccinados pelo dr. Freire, 307 eram estrangeiros e o resto eram brazileiros do interior. Nenhum des brazileiros vaccinados foi atacado.

Em 1885 os resultados obtidos não por meio da lanceta, mas pelo methodo hypodermico são muito favoraveis e senão veja-se que de 3051 pessoas vaccinadas, nenhuma succumbiu, emquanto o numero de obitos nas pessoas não vaccinadas subiu a 278.

— Se a uma rã ou se a um pombo lhe forem extrahidos os hemispherios cerebraes, estes pobres animaes sujeitos a tão barbara experiencia, sem morrerem immediatamente perdem a consciencia dos seus movimentos voluntarios. Assim se atirarmos o pombo ao ar, este voará e a rã, se lhe tocarmos, nadará, mas executando esses movimentos como dois authomatos — isto é, sem consciencia.

O sr. Steiner deduziu de varias experiencias o seguinte:

1.º Nos peixes os movimentos voluntarios e a faculdade de se alimentarem expontanneamente — o que prova as sensacções directas e reflexas — persistem depois da ablação dos dois hemispherios.

2.º Nos batrachios essas funcções estam ligadas aos dois hemispherios, excepto a *visão*, que se conserva depois da sua ablação.

3.º Nas aves a visão está ligada aos hemispherios, mas não á sensibilidade cutanea.

Conclue-se, pois que na serie dos vertebrados, as funcções do *cerebro medio* emigram pouco a pouco para os hemispherios, que se desenvolvem — ou então a evolução dos hemispherios baseáse sobre a accumulação successiva, das funcções que pertenciam primeiro ao cerebro medio.

— O dr. Domingos Freire demostrou a natureza microbiana do cancro. Tendo examinado o sangue de uma mulher que soffria de um cancro, achou massas zoogleicas, as quaes se desenvolveram em caldo de gelatina entre 37° a 40° dando nascimento a *bacillos* arredondados nas extremidades e muito moveis, semelhantes aos bacillos da febre typhoide.

Para explicar a cachechia cancerosa o dr. Domingos Freire observou a urina dos atacados d'esta enfermidade e encontrou uma ptomaina extremamente venenosa para as aves, que matava no meio de symptomas convulsivos. Força é dizer que as urinas, ainda mesmo normaes, contem alcaloides venenosos.

Tendo inoculado varias culturas do microbio em aves, conseguiu alterar o virus canceroso, o qual inoculado depois em outros animaes, lhes deu a immunidade contra o virus forte.

Effectivamente se estes resultados são incontestaveis, terá o sr. dr. Domingos Freire tornado curavel uma enfermidade horrivel e bem merecido da humanidade.

Contra a diabetes saccharina empregou o dr. Villemin a belladona associada ao opio, obtendo optimos resultados. As doses foram de 10 centigrammas de extracto de belladona e 5 centigrammas de extracto de opium, doses que foram elevadas a 20 centigrammas de cada substancia. Os doentes comiam de tudo, e o estado diabetico apparecia sempre que deixavam de tomar a belladona associada ao opio. O dr. Villemin, tendo ensaiado o brometo de potassio, a doença manifestou-se novamente.

— Contra a enxaqueca e cephalalgia, e finalmente contra as diversas dôres de cabeça preconisa um medico de Nova York a *antipyrina* como analgesico.

Os effeitos therapeuticos produzem-se no espaço de meia hora, sentindo o enfermo a sensação da vertigem e necessidade do somno que dura alguns instantes. Desde esse momento a desapparição da cephalalgia é constante.

— Com respeito á *colchicina*, alcaloide extrahido do *Colchicum autumnale, Linn*, são concludentes as experiencias dos srs. Mairet e Combemale, e d'ellas se collige que:

1.º A *colchicina* é um veneno irritante, cuja acção se exerce sobre todos os orgãos, mas especialmente sobre o tubo digestivo e sobre os rins.

2.º A acção da *colchicina* é mais rapida pela via hypodermica que pela via estomacal.

4.º A *colchicina* elimina-se por diversos emonctorios e em particular pelas urinas, mas essa eliminação é lenta e somente das doses não toxicas e relativamente fracas — 16 centimilligrammas por 1 kilogramma do peso do corpo — podem dar a morte no espaço de cinco dias.

5.º A colchicina congestiona as extremidades articulares e a medulla ossea, isto é, o tutano dos ossos.

6.º A colchicina diminue a quantidade de acido urico contida no sangue e produz uma irritação substituitiva ao nivel das superficies articulares; mas a sua accumulação no organismo e a grande toxidade recommendam que, no seu emprego therapeutico, haja muita prudencia.

7.º O homem é tres vezes mais sensivel á acção d'este alcaloide do que o cão e o gato. A dose total para produzir a diurese é de 2 a 3 milligrammas, e a dose purgativa de 5 milligrammas.

— Os esporos do *bacillus anthracis*, isto é, do carbunculo, reunidos em pequena quantidade n'um caldo transparente e claro e expostos á acção dos raios solares — em junho e julho, em que o sol é mais forte — são destruidos em 2 ou 3 horas. O sr. Arloing tem continuado experiencias a este respeito, e ellas demonstram que o sol destroe realmente os esporos n'essa condição, mas conforme o meio liquido em que os esporos mergulham, assim a operação se realisa em menor ou maior espaço de tempo. Na agua o sol destroe tambem os esporos, mas precisa de mais tempo do que no caldo.

Sob o ponto de vista da hygiene são preciosas estas experiencias, pois que nos ensinam que ha vantagem em deixar expostos aos raios do sol, sem vegetação e sem abrigo, as regiões, onde os esporos dos micro-organismos se encontram na superficie do solo.

— Um *micrótomo*, instrumento destinado a cortar camadas tenuissimas para as preparações microscopicas — ultimamente inventado e descripto no *Studies from the biological Laboratory of the John Hopkins University* — permitte realisar series numerosas e regulares n'um mesmo tecido, podendo obter-se 100 cortes por minuto, de cinco millesimos de millimetro cada um, e que o proprio instrumento colloca n'um papel, em serie linear pela ordem como foram cortados.

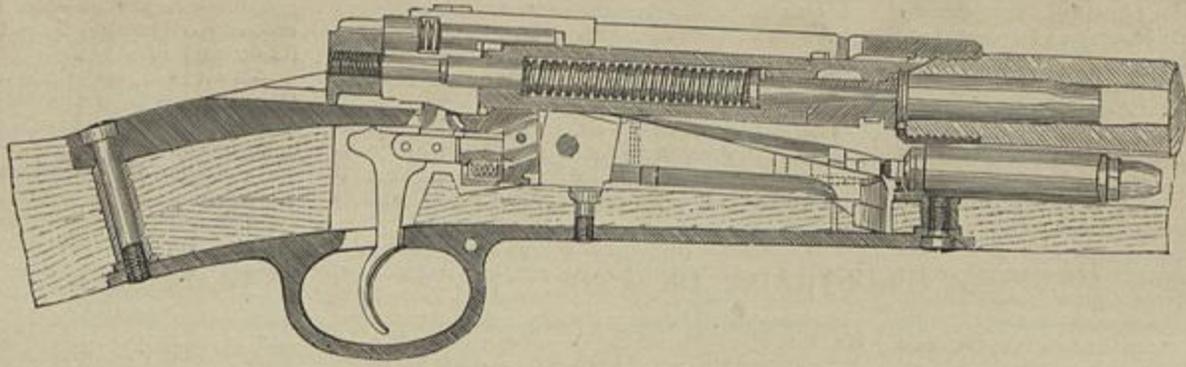
— Das observações do sr. Lancaster, com respeito ás tempestades da Belgica pode-se concluir o seguinte sobre a previsão do tempo:

As tempestades dão-se sob a influencia da depressão barometrica, sendo mais frequentes entre 750 a 755 millimetros ao nivel do mar. As tempestades com altas pressões são raras.

A producção da tempestade depende essencialmente de dois factores meteorologicos: a pressão atmospherica e a temperatura, e a circumstancia mais favoravel é uma temperatura elevada no momento em que existe uma depressão atmospherica. Uma temperatura elevada sem depressão ou uma depressão sem temperatura elevada não produzem tempestade.

Um gradiente, isto é, a differença de pressão avalisada em millimetros e por grau geographico, entre um dado ponto e o centro de depressão ou do anticyclone mais proximo d'esse logar — quando é fraco, favorece a producção das tempestades.

— Com respeito ao sol, as observações feitas no anno passado, pelo sr. Tacchini, conduzem ás seguintes conclusões:

1.º As erupções, os grupos de manchas e de faculas solares foram mais frequentes no hemispherio austral do sol, emquanto que as protuberan-

A NOVA ESPINGARCA DE REPETIÇÃO «MAUSER» ADOPTADA NO EXERCITO ALLEMÃO

cias hydrogenicas são mais numerosas ao norte do equador.

2.ª As protuberancias solares figuram em todas as zonas, emquanto que os outros phenomenos se acham quasi inteiramente contidos entre o equador e 40° ao sul e ao norte, como no anno de 1885.

3.ª As faculas, as manchas e as erupções solares apresentam um accordo notado para com as zonas do maximo da frequencia entre ± 20°.

4.ª As zonas do maximo da frequencia das protuberancias não correspondem com as que dizem respeito aos outros phenomenos, porque as protuberancias apresentam duas maximas em latitudes mais elevadas.

5.ª As faculas teem maior frequencia no hemispherio austral, assim como as manchas e as erupções, emquanto que para com as protuberancias ha frequencia quasi egual ao norte e ao sul do equador.

*João de Mendonça.*

## RESENHA NOTICIOSA

MUNKACSY. Este celebre pintor hungaro, hoje um dos mais reputados da Europa, que vende os seus quadros a cem contos de réis como ultimamente vendeu o seu quadro *Christo diante de Pilatos*, acaba de ter encommenda de um grande quadro destinado a decorar o tecto do muzeu de artes de Vienna, o qual deverá estar concluido em tres annos e custará 50,000 florins, cerca de 25:000$000 réis.

FABRICA NACIONAL DE PIANOS. Fundou-se em Lisboa uma empresa para a fabricação e venda de pianos e outros instrumentos muzicos. O seu capital é de 50:000$000 réis dividido em 5 series de 10:000$000 réis cada uma representada por 200 acções de 50$000 réis.

NAUFRAGIO. Naufragou em Vigo o paquete *Valparaiso*, da carreira do Brazil. Salvaram se todas as pessoas que vinham a bordo e as mallas. Emquanto á carga e casco considera-se perdido, apezar das diligencias que se teem feito para salvar alguma coisa.

ARCHEOLOGIA. Proximo de Butte-Montmartre em Paris, fez-se uma importante descoberta archeologica. N'umas excavações a que se procedeu encontraram-se muitos esqueletos humanos, que estavam enterrados a pouca profundidade e voltados para o oriente. Ao lado de cada esqueleto via-se um vaso de barro amarello, dos seculos XIV e XV sem tampa, contendo algum carvão que se suppõe seria para queimar incenso. Viam-se tambem alguns fragmentos de madeira pertencentes aos caixões em que deviam estar os esqueletos. Foram mais encontradas algumas sepulturas de gesso com cruzes differentes e monogrammas de Christo em forma circular. N'estas sepulturas, que deverão pertencer aos merovingios, encontraram-se alguns pingentes de ouro em forma polyedrica, colares de contas de vidro de diversas côres e algumas moedas de bronze. Parece que estes achados poderão elucidar bastante sobre a historia do *Monte dos Martyres*.

O SEPTENATO MILITAR NA ALLEMANHA. O novo parlamento allemão acaba de approvar por 223 votos contra 48 o septenato militar proposto por Bismarck. Depois d'esta votação, e segundo as declarações do chanceller do imperio, é de esperar que a paz seja mantida.

SALVA-VIDAS RELVAS. O sr. Carlos Relvas enviou á *Exposition internationale de la santé en Lyon* um modelo do seu salva-vidas de que em fins de 1883 se fizeram experiencias no Douro com os melhores resultados. N'esta exposição, onde figuraram muitos apparelhos de salvação, tanto de incendios como de naufragios, obteve o sr. Carlos Relvas o grande diploma de honra, grande medalha de ouro, e insignia especial da mesma exposição. Folgamos que um jury extrangeiro reconhecesse as vantagens de tão util e humanitario invento, concedendo-lhe o mais honroso premio de que dispunha. O OCCIDENTE publicou em o seu n.º 183, correspondente a 21 de janeiro de 1884, os desenhos d'este salva vidas e da experiencia feita no Douro.

ESTATUAS PARA O CONVENTO DA BATALHA. O distincto artista sr. Vieira concluiu os modelos das estatuas dos apostolos destinadas ao frontespicio do convento da Batalha. Estes modelos estão sendo executados em pedra nas officinas do sr. Rato.

ATTENTADO CONTRA O CZAR. Os telegrammas do dia 15 trouxeram a noticia da descoberta de um novo attentado contra a vida do czar. Diz-se que os conspiradores pertencem ao alto funccionalismo e que o seu proposito não era precisamente assassinar o imperador, mas obrigal-o a outhorgar uma constituição ou a abdicar. Houve muitas prisões.

CONCURSO SCIENTIFICO. A sociedade hespanhola de hydrologia medica abriu um concurso com os seguintes premios: Um premio de 250 pesetas, um accessit e titulo de socio correspondente á melhor memoria a respeito da *tuberculosis pulmonar y su tratamiento hidromineral y calcinaloterapico*. Outro premio egual ao auctor da melhor memoria sobre *Instalaciones balneoterapicas, fundamientos scientificos de las mismas, variaciones de las instalaciones segun la naturaleza y composicion de las aguas*. Estas memorias podem ser escriptas em hespanhol, francez ou portuguez, e devem ser enviadas á referida sociedade, Costanilla de los Angelos 13 Madrid, até 29 de novembro de 1888.

PAULO FÉVAL. Falleceu em Paris Paulo Féval, o grande romancista francez, cuja maioria dos seus romances tem sido traduzidos em portuguez.

CORRIDAS AEROSTATICAS. O general inglez Brine um dos mais conhecidos aeronautas, vae organisar uma corrida de balões entre a costa de Inglaterra e a França. O aerostato que mais rapidamente realisar a travessia do Mancha e que primeiro pousar em terra franceza, ganhará um importante premio.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

**P. L. M**, por Xavier de Montepin, traducção de Cunha e Sá. David Corazzi editor, Lisboa. É o primeiro volume que temos presente, e a obra deve constar de seis volumes, illustrados com chromo-lythographias, aguarellas de Manuel de Macedo reproduzidas na lythographia de Justino Guedes. Este romance está tendo grande acceitação, plenamente justificada pelo nome do seu auctor, um dos mestres da litteratura romantica franceza.

**Historia da Revolução Portugueza de 1820**, por José d'Arriaga, Lopes & C.ª Successores de Clavel & C.ª, editores, Porto. Sessenta annos depois da revolução portugueza, que iniciou a grande transformação por que tem passado Portugal, o apparecimento de uma historia escripta d'essa revolução não póde deixar de interessar o publico portuguez, tanto mais quanto a respeito de tal facto e epoca tão pouco ou nada se tem escripto ou publicado. A historia do sr. José d'Arriaga vem, portanto, prehencher uma grande lacuna, e preenche-a brilhantemente. Não é a phantesia do historiador mas os documentos e as investigações trabalhosas que distinguem o trabalho do sr. José d'Arriaga. Poderemos não estar de accordo em alguns pontos, sobre a maneira porque o auctor aprecia alguns d'estes documentos e, portanto, das conclusões que d'elles tira, isto, porem, é simplesmente uma opinião, porque de resto o trabalho do sr. Arriaga ahi está a affirmar-se possantemente e a enriquecer a litteratura portugueza com uma obra das mais importantes que modernamente se tem produzido. Com respeito á edição já nos temos referido com o louvor que merece, e os dez fasciculos publicados, onde já se conta um bom numero de retratos, confirmam plenamente o que a seu respeito temos dito.

**Estatistica dos impostos que no anno de 1884-1885, pertenciam á antiga secção do real d'agua,** *e que hoje são da competencia da terceira repartição da administração geral das alfandegas*, por Manuel Tavares de Medeiros, chefe da terceira repartição geral das alfandegas e contribuições indirectas, Imprensa Nacional, Lisboa, 1887. É o primeiro trabalho de estatistica d'este genero que se faz n'esta repartição, mas apesar d'isso é já bastante desenvolvido, o que honra sobre modo o sr. Medeiros, que teve de elaborar o seu trabalho sobre elementos disperssos e mal preparados para este fim.

**Diccionario encyclopedico portuguez illustrado.** Temos recebido até á folha 24 d'este diccionario, obra que se recommenda pela sua consição, clareza e perfeita definição das palavras, o que á primeira vista pareceria um elogio banal, se o mesmo se podesse dizer de muitos diccionarios que por ahi correm mundo.

**Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa.** N.os 7 e 8 da 6.ª série, contendo: *Boa-Vista*, relatorio do serviço de saude na ilha de Boa-Vista, referido ao anno de 1885; *As Estações Zoologicas*, por Augusto Nobre; *O Porto de Lourenço Marques; Novas jornadas de Silva Porto; Trabalhos em Africa; Missão Portugueza no Congo; O Cholera Morbus*, conferencia na sala da Sociedade de Geographia de Lisboa, nos dias 20 e 21 de junho de 1886, por A. Cesario d'Abreu, e actas das sessões de 16 de janeiro, 1 de fevereiro, 1 de março, 7 e 20 de abril, 3 de maio e 7 de junho, todas de 1886.



TYP. ELZEVIRIANA.—Rua do Instituto Industrial, 23 a 31 — Lisboa.